



Ensaio sobre a importância da Linguística Comparativa para uma Morfologia independente

An essay on the importance of Comparative Linguistics for an independent Morphology

Mário Eduardo Viaro*
Universidade de São Paulo,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: A mesma oração é apresentada em doze idiomas (português, latim, romeno, inglês, alemão, islandês, russo, turco, húngaro, árabe clássico, japonês e mandarim) a fim de destacar o que é exclusivamente morfológico do que é morfossintático, morfofonológico, morfolexical e morforreferencial em um modelo de signo em que se distinguem um significante, um significado e uma referência. A presença de paradigmas puramente morfológicos, independentes dos paradigmas semânticos, no nível do significante é um argumento forte para que a Morfologia seja entendida como uma ciência independente da Sintaxe e da Fonologia.

Palavras-chave: Linguística Comparativa, Morfologia, Semântica, Sincronia, Teoria da Tradução.

Abstract: The same sentence is presented in twelve languages (Portuguese, Latin, Romanian, English, German, Icelandic, Russian, Turkish, Hungarian, Classical Arabic, Japanese and Mandarin) in order to highlight what is exclusively morphological than morphosyntactic, morphophonological, morpholexical and morphoreferential in a sign model in which a signifier, a signified and a reference are distinguished. The presence of purely morphological paradigms, independent of semantic paradigms, at the level of the signifier is a strong argument for Morphology to be understood as a science independent of Syntax and Phonology.

Keywords: Comparative Linguistics, Morphology, Semantics, Synchrony, Translation Studies.

1 INTRODUÇÃO

Muitas afirmações da Morfologia Histórica se alicerçam sobre fenômenos presentes nas línguas atuais, as quais, por sua vez, dependem dos processos cognitivos de seus falantes para sua plena compreensão. Historicamente, esses processos, além de serem, com frequência, entendidos um tanto precipitadamente como universais, incluem-se em módulos estudados por gramáticos e linguistas (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, semântica). Tomando por base a solução das primeiras descrições de língua grega e latina, no século XVI surgiriam observações a respeito das peculiaridades estruturais das línguas ameríndias e asiáticas. Cerca de trezentos anos depois, mesmo depois de um maior conhecimento da essência do objeto linguístico, agora sob influência da lógica, evocar-se-

* Universidade de São Paulo (FFLCH/DLCV, área de Filologia e Língua Portuguesa), São Paulo/SP (Brasil); maeviaro@usp.br, bolsa produtividade CNPq nível 1D.

ia uma língua mental, mas mantinha-se a sua representação por meio de tabelas simétricas com elementos repetidos. Não se questionará se tais tabelas idealizadas seriam apenas soluções herdadas das gramáticas tradicionais e a consequência disso é que ainda hoje se aceita tal tipo de representação simplificada de maneira tácita e cúmplice até mesmo por quem conhece a fundo processos dinâmicos como o funcionamento da aquisição da linguagem.

Observações sobre as diferenças peculiares de expressão linguística entre as línguas surgiram, no entanto, ainda muito mais cedo, bem antes de qualquer teorização e se confunde com a história da Humanidade. O entendimento dessas diferenças, contudo, sempre pareceu exclusivamente ligado à proficiência e à capacidade da memória dos tradutores e dos políglotas. Expressar-se em uma segunda língua não requer simplesmente uma reetiquetagem, mas uma reinterpretação e uma reorganização das unidades, distinta da aprendida na língua materna. O ato de comparar estruturas, contudo, após o surgimento das teorias linguísticas, sempre foi restrito à Teoria da Tradução e à Linguística Comparativa e ambas estão, de certa forma, ligadas à nomenclatura da Gramática Tradicional. Quando surgiu o Estruturalismo, a Linguística Comparada se desvinculou da Linguística Histórica e apresentaram-se novas propostas de unidades abstratas abaixo da unidade lexical. Contudo, mesmo após o estabelecimento da Linguística Geral, termos tradicionais e teoricamente pouco defensáveis não foram banidos das diversas discussões teóricas da Linguística. O mesmo se pode dizer de conceitos da Sintaxe Tradicional, que permeiam de forma quase axiomática até mesmo modelos gerativo-transformacionais. Soluções mais convincentes para os estudos modernos são apresentadas em artigos, livros e até mesmo em manifestos, mas a verdade é que há pouca explicitação de quais são os pressupostos da Linguística Moderna a respeito do que são os paradigmas epistemológicos em que se ancoram tais modelos.

O emprego do termo “Linguística Comparativa” de um ponto de vista estritamente sincrônico acabou sendo substituído pela Tipologia Linguística, desde o século XIX. Na esteira argumentativa das classificações dadas por Sapir (1921), por exemplo, o português seria uma língua fusional (mas pouco simbólica) e analítica (no entanto, levemente sintética). Mas, a despeito dos avanços da Tipologia Linguística, a Morfologia tem sido pouco beneficiada com suas descobertas. Talvez porque “Morfologia” foi um termo inicialmente cunhado na área das ciências biológicas e introduzido na Linguística apenas na segunda metade do século XIX, a uma Morfologia *stricto sensu* nunca foi totalmente aceita: o Estruturalismo fez grandes esforços para provar que a Morfologia seria apenas um ramo de uma Morfofonologia, ao passo que o Gerativismo acabou detendo-se, sobretudo após o surgimento da linha aronoffiana, apenas ao que é produtivo e subsumindo-a à Morfosintaxe. No entanto, embora seja inegável que haja situações fronteiriças entre Morfologia e Fonologia e entre Morfologia e Sintaxe, há o que chamaríamos de “exclusivamente morfológico”, o qual não se confunde nem com a Lexicologia, nem com a Semântica, de modo que podemos mostrar, por meio da comparação de línguas, que não só há uma Morfofonologia e uma Morfosintaxe, mas também uma Morfologia *stricto sensu*, sem a qual não seria possível fazer nem uma nem outra. Do outro lado do signo de três faces, essa morfologia também não se confunde como fenômenos que chamaremos de morfolexicais e morforreferenciais.

2 A GÊNESE HISTÓRICA DO ELEMENTO MORFOLÓGICO DO SIGNO

Tomemos a frase *Os olhos dos nossos cavalos não são negros*. Essa frase poderia ser traduzida em algumas línguas, sem ferir elementos culturais importantes envolvidos nas sociedades que se expressam nelas. Se o cavalo, numa dada cultura, é um animal de tração, um animal sagrado, um animal de cuja carne ou de cujo leite nos alimentamos, se faz parte da imagem social, histórico-cultural e simbólica de uma sociedade ou se é associado a algo não pertencente a ela, não são dados irrelevantes à Lexicologia e à Semântica, mas têm interesse tangencial para a Morfologia. O termo “cavalo” pode ser traduzido de muitas formas em latim (*equus, caballus, cantberius, mannus*), conforme seja um animal de trabalho e não de batalha, castrado ou mais próximo a um pônei. Supondo que diferenciemos seres como cavalos, mulas, burros, jumentos e zebras, sabe-se, por exemplo, por amostragens como essa, que a língua portuguesa é sensível, por exemplo, ao sexo do animal e assim distinguem-se cavalos de éguas. Esses radicais supletivos dizem muito à Lexicologia, mas pouco à Morfologia: para os estudos morfológicos é mais interessante o questionamento teórico da terminação *-o* e *-a*, conhecidas como “vogais temáticas nominais”, as quais são verdadeiros índices do gênero morfológico e, portanto, um tipo de signo, embora não sejam símbolos, como o são quase todos os chamados “signos” privilegiados pelos estudos estruturalistas (VIARO, 2018). No caso de “potro”, nota-se o mesmo *-o*, alçado à situação de símbolo (e, portanto, um morfema, segundo o método comutativo *potro: potra*). Já em “pônei” o elemento masculino está entranhado no significado e não há índices ou símbolos que demonstrem a sua participação em paradigmas morfológicos, daí imaginarmos que o gênero morfológico em “pônei” seja intrínseco.

Por fim, há consciência de que há raças de cavalos para corridas e outras para tração e tudo isso é não só semântico, no sentido estruturalista, mas também referencial. Na referência, mais do que em qualquer outro espaço semiótico, e diferentemente do significado, há possibilidade de mudanças rápidas, motivadas pelas necessidades da sociedade, frequentemente expressas por questionamentos. A referência muda também conforme o envolvimento com o objeto, de modo que o olhar de um veterinário, de um zootécnico, de um criador de cavalos, de um proprietário de cavalos, de um jóquei ou de um apreciador de corridas de cavalos não é o mesmo que o de uma pessoa que tem um conhecimento superficial do objeto. Nesse sentido, quando afirmamos que o signo é um elemento social, é exatamente nessa porção aparentemente mais maleável da referência que poderemos apoiar-nos e não no significado, mais cristalizado e rígido, onde os paradigmas semânticos se distinguem. Há inclusive no significado a ilusão de uma neutralidade, de modo que podemos cumplicemente combinar que os olhos do cavalo a que me refiro na frase *os olhos dos nossos cavalos não são negros* são de quaisquer cavalos (independentemente do sexo, tamanho ou raça), ou seja, distinto de uma mula, um burro ou uma zebra, como quer a Semântica greimasiana. Parece-nos possível traduzir qualquer expressão linguística para qualquer língua, desde que haja essa cumplicidade tácita do significado, pautada num pacto quanto à referência pretendida entre falante e ouvinte. Na verdade, é nessa cumplicidade que se apoia qualquer ciência, quando são utilizados termos

técnicos e um físico sabe sobre o que o outro está falando quando se refere a “peso”, “força”, “energia”, “trabalho” ou um biólogo discerne entre um termo técnico da biologia e um vocábulo popularizado, como “carnívoro”, “animal”, “asa”, “peixe”. Se não se comungam pressupostos quanto às referências, há, com certeza, discussões e mal-entendidos, mas não compartilhar o mesmo significado é fonte de ruído ainda maior, tanto quanto não compartilhar o mesmo significante. O conteúdo do significado e do significante são herdados, tanto quanto os pressupostos da referência, contudo são conteúdos enrijecidos pela história. Se alguém não distingue um cavalo selvagem de uma zebra, decerto chamará os dois pelo mesmo nome: foi exatamente isso que ocorreu quando os portugueses viram a zebra africana pela primeira vez e deram-lhe o nome de um equino europeu selvagem (*zebro*, *zebra*, *ezebro* etc.) que existiu até século XVI. O nome, de origem iberorromânica, se popularizou, se internacionalizou e seu significado alterou-se com o tempo, com a extinção do equino da Península Ibérica que serviu para denominar o animal listrado africano (PAPAVERO & VIARO, 2014).

Na filosofia aristotélica distingue-se um gênero e uma espécie, no entanto, em Linguística, preferem-se os termos greimasianos *hipônimo* e *hiperônimo*. Assim sendo, cavalos, zebras e asnos são hipônimos de um hiperônimo *equino* (ou *equídeo*); já cães, gatos e lobos seriam hipônimos de um hiperônimo etiquetado como *carnívoro*; por sua vez equinos e carnívoros seriam hipônimos ligados a um hiperônimo ainda mais amplo, *mamífero*. Ou seja, a relação entre hipônimos e hiperônimos (ou entre gêneros e espécies, se quisermos seguir os termos aristotélicos) seria relativa, uma vez que hiperônimos podem ser hipônimos vinculados a hiperônimos ainda mais abstratos. Do ponto de vista do Estruturalismo, esses termos parecem ser inflacionários, uma vez que tudo pode ser resolvido com a palavra *paradigma*, que seria, nada mais que um conjunto de unidades mentais (os hipônimos) com uma etiqueta (o hiperônimo). Essa etiqueta pode ser um termo tradicional, um termo científico ou uma abstração. Também pode não existir um nome tradicional para a etiqueta de um paradigma e a ele nos referiremos por um neologismo ou ainda por uma locução. Ou seja, um *paradigma lexical* permite reunir unidades, normalmente conhecidas como *vocábulos*, havendo ou não etiqueta, que pode ser científica ou não. Pode haver inclusive oscilações para uma única etiqueta, pois um panda pertencerá ao paradigma dos carnívoros se o termo *carnívoro* está sendo empregado como etiqueta de um conjunto de seres com características anatômicas específicas, definidas do ponto de vista filogenético (e de fato, pandas são parentes de ursos). Por outro lado, o mesmo panda a que nos referimos *não* pertencerá ao paradigma dos carnívoros se pelo termo *carnívoro* o entendermos do ponto de vista etológico, afinal de contas, pandas não comem carne. Desse modo, tanto o vocábulo que pertence ao paradigma quanto a etiqueta que define esse conjunto de vocábulos tem certa fluidez e permissão social, mas a falta de controle terminológico e científico para referencializar problemas como esse é algo muito indesejável, quando se trata de estudos de Linguística.

O mesmo problema referencial sobre o panda é válido do ponto de vista morfológico quando nos referimos a uma unidade lexical: usa-se a etiqueta *substantivo* para o paradigma que contenha o elemento “cavalo”. Contudo, “cavalo” terá outro rótulo na frase “fulano foi muito cavalo comigo”, uma vez que o comportamento de vocábulo permite uma interpretação diferente por ocupar um *locus* sintático mais adequado à

etiqueta de *adjetivo*. Da mesma forma que um panda é e não é carnívoro, dependendo do que se entende por “carnívoro”, um item lexical como “cavalo” é e não é um substantivo, dependendo de sua Morfossintaxe e não da sua “função” na oração. Na terminologia de Tesnière (1953), haveria uma *translação* de uma classe morfológica para outra. Como o signo “cavalo” compõe-se de elementos semânticos e elementos morfológicos (como o gênero morfológico), é válido imaginar que tudo isso ocorre no significado (VIARO, 2018). Corrobora essa perspectiva o fato de nem sempre termos elementos morfológicos explícitos por morfemas segmentáveis (símbolos ou ícones), como ocorre quando incluímos uma palavra como “pônei” no paradigma de “substantivos masculino”.

Haveria portanto no significado *paradigmas lexicais* ao lado de de *paradigmas morfológicos*. Se do ponto de vista *estrutural* essa distinção é quase imperceptível, há um grande abismo do ponto de vista *comunicativo* e *histórico* entre os dois tipos de paradigmas e não foi difícil perceber, desde cedo, na Linguística que o paradigma lexical é mais móvel (ou “aberto”) do que os paradigmas morfológicos, cuja quantidade, apesar de não ser exatamente “fechada”, como já se pretendeu, não permite muitas inovações drásticas, uma vez que isso afetaria a compreensão da mensagem enunciada. Tampouco é a produtividade que os distingue (VIARO, 2010; 2012). Se os paradigmas morfológicos estão vinculados mais proximamente num modelo de signo aos paradigmas semânticos do que aos paradigmas fonológicos, como explicar a existência de uma morfofonologia e de uma Morfossintaxe? Afinal de contas, fonologia e sintaxe estariam mais próximas, no signo, ao *output* da expressão do que ao *input* da informação proveniente da realidade externa, mediada pela referência. Supondo que a estruturação sintagmática esteja no significante, intermediário entre o significado e a expressão, haveria espaço para entender também a existência de paradigmas sintáticos, sem deixar de lado obviamente o problema da recursividade. Desse modo, um esqueleto sintático oracional sujeito+verbo de ligação+predicativo do sujeito (“X ser Y”), como na frase *Os olhos dos nossos cavalos não são negros*, seria nada mais que um hipônimo pertencente ao grande conjunto cuja etiqueta hiperonímica seria “orações da língua portuguesa” no significante. Os componentes dessas orações, por sua vez, também seriam hiperônimos, por exemplo, “sujeito” poderia ter hipônimos como sintagma nominal+preposição+sintagma nominal (*os olhos de nossos cavalos*). Novamente aqui, “sintagma nominal” seria hiperônimo de estruturas como artigo definido+substantivo (*os olhos*) ou artigo definido+pronome possessivo+substantivo (“os nossos cavalos”), preenchíveis por unidades provindas da Morfologia e do Léxico. Tudo isso é passível de mudança mas é em grande parte herdado.

Semântica e Morfologia estariam junto ao significado ao passo que Fonologia e Sintaxe estariam junto ao significante. Num esquema de fluxo, típico da Teoria da Comunicação, haveria trânsito entre significado e significante, o que justificaria uma Morfofonologia e uma Morfossintaxe: paradigmas sintáticos de variada gradação abstrata se preencheriam por elementos provenientes do significado, da mesma forma que paradigmas lexicais seriam preenchidos por informações vindas da referência. Por sua vez os paradigmas referenciais viriam da realidade filtrada pelas limitações perceptivas individuais, pela cultura circunstante e pelos limites perceptivos e cognitivos da espécie *Homo sapiens*. No entanto, há problemas que a Linguística Comparativa pode nos trazer para entendermos essas relações morfossintáticas. Por exemplo, o inglês dispõe de um

paradigma morfológico intitulado “artigo indefinido”, representado por no mínimo quatro unidades {[ə], [eɪ], [əɪ], [æɪ]}, as quais são mascaradas grafematicamente como {<a>, <an>}. O uso adequado de cada um desses hipônimos vinculados ao hiperônimo morfológico rotulado como “artigo indefinido” depende não só conceito semântico de indefinição, mas também de dois outros conceitos do significante: (1) um elemento da expressão, que poderíamos chamar de *ênfase*, que os divide em “artigos indefinidos enfáticos” {[eɪ], [æɪ]} e “artigos indefinidos não-enfáticos” {[ə], [əɪ]}; (2) um elemento fonossintático, que pode ser denominado de *item seguinte*, uma vez que independe de classificações morfológicas, o que nos permite dividi-los em “artigos indefinidos seguidos de um item iniciado por consoante” {[ə], [eɪ]} e “artigos indefinidos seguidos de um item iniciado por vogal” {[əɪ], [æɪ]}, independentemente de esse item ser, por exemplo, um substantivo ou um adjetivo.

Paradigmas morfológicos se tornam parcialmente estáveis durante a aquisição da linguagem e são produtos da diacronia intergeracional e ontogenética das primeiras etapas de aquisição da linguagem do falante (VIARO, 2019), já os paradigmas lexicais são produtos apenas da diacronia ontogenética, de modo que o falante pode ampliá-lo durante toda a vida (e, do ponto de vista da memória passiva, pode alterar a frequência de sua utilização). Paradigmas fonológicos e sintáticos, muito mais rígidos, também são intergeracionais e circunscritos majoritariamente às primeiras etapas de aquisição da linguagem. Quando se afirma que um sistema linguístico é ou tem um “código”, não se deve confundir o que se passa na sua formação com o que flagramos na geração de línguas artificiais: um sistema linguístico compõe-se de elementos utilizados por usuários numa sociedade, os quais têm idade muito distinta uns dos outros e, além disso, seu conteúdo são sempre produtos de elementos sociais e intergeracionais. Na gênese de uma língua artificial, não há atuação coletiva no sentido de compartilhamento de informações que comporão a referência, o que afeta de modo muito evidente a essência do que vem a ser o significado e o significante. Numa língua natural, é flagrante a *natureza histórica* dos paradigmas morfológicos, como pode ser facilmente flagrado nas abundantes exceções, características dos estudos em Morfologia. Essa natureza histórica é muito flagrante no ilogismo morfológico, pouco conhecido da Fonologia e da Sintaxe, conhecido com o nome tradicional de “exceções”. Uma solução cômoda e corriqueira tem sido lançar os problemas das exceções morfológicas para a Lexicologia, embora lexicólogos não se mostrem interessados em explicar exceções, tarefa inegável de uma Morfologia, entendida como ciência independente da Fonologia e da Sintaxe.

A reparadigmatização no significante de elementos provenientes da Morfologia (e, portanto, segundo nossa argumentação, do significado) também é visível no problema da *amalgama morfossintática*, conhecida em português, por exemplo, pelas contrações de preposições e artigo definido do tipo *de+o=do*, *em+o=no*, *per+lo=pelo*. Em línguas como o irlandês, há amalgamas frequentes entre preposição e pronome pessoal, do tipo *comigo*, a tal ponto que a preposição é muitas vezes uma classe variável em número e pessoa. Assim, voltando ao sintagma *os olhos dos nossos cavalos*, observa-se que *d-* e *de* são formas de um conjunto morfológico (etiquetado como “de”) com dois elementos, o qual, por sua vez é hipônimo de um outro conjunto morfológico maior (etiquetado como “preposição”). O primeiro item <d->está vinculado de forma obrigatória com alguns itens (*do, da, dos, das,*

dele, dela, deles, delas, desse, deste, daquele etc.), de forma não-obrigatória com outros (*de um* \approx *dum*, *d'água* \approx *de água* etc.) e de forma expressiva com outros (*d'olhos* \approx *de olhos*). Dados dois elementos quaisquer X e Y contíguos, representemos a relação da amálgama morfossintática como $x^o y$. Sendo i_n um item qualquer e sendo n o número de itens que compõe essa oração, teríamos a seguinte estrutura com nove itens: $((Os\ olhos)(d'os\ nossos\ cavalos))^1((n\ ão\ s\ ão)^2(negros)^3)$, sendo que os parênteses equivalem a paradigmas sintáticos. Substituindo os itens lexicais pelas legendas de paradigmas morfológicos poderíamos obter a mesma oração de uma forma mais abstrata, a saber: $((ARTDSUBS)(PREP^o ARTDPRPOSSUBS))^1((ADVNVL)^2 (ADJ)^3)$, em que ARTD seria “artigo definido”; SUBS, “substantivo”; PREP, “preposição”; PRPOS, “pronome adjetivo possessivo”; ADVN, “advérbio de negação”; VL, “verbo de ligação”; ADJ, “adjetivo”. Observe-se que nem todo elemento tradicionalmente conhecido como “preposição” seria um PREP nessa estrutura, apenas <de>. Também ADVN também parece ser um conjunto unitário, isto é, igual a {<não>}. Questões como essas estão longe de ser banais para qualquer teorização, mas normalmente são abstraídas.

Sendo o paradigma morfológico ARTD {<o>, <a>, <os>, <as>}, apenas <os> pode ocupar a posição morfossintática de ARTD antes do SUBS <cavalos>: outros elementos do conjunto estão descartados. Esse descarte chama-se *concordância*. Diferentemente da relação $X^o Y$, esse vínculo pode ser feito sem contiguidade, de modo que é lícito interpretar que o substantivo <cavalo> tenha em seu conteúdo semântico o elemento morfológico “masculino”, hipônimo do paradigma etiquetado tradicionalmente como “gênero morfológico”. A escolha do elemento correto de ARTD seria, nesse sentido, um elemento que “concorda” com o gênero de SUBS. Marcando cada concordância por uma letra grega minúscula e abstraindo a marcação dos núcleos puramente sintáticos, teríamos: $((ARTD^{\alpha} SUBS^{+\alpha+\gamma}) (PREP^o ARTD^{\beta} PRPOS^{\beta} SUBS^{+\beta}))^1 (ADVNVL)^2 (ADJ)^3$, sendo que α indica a expressão do gênero ou do número tanto no adjunto adnominal <os> quanto no predicativo do sujeito *negros*, ambos concordando com *olhos*, o qual seria *negras* se concordasse com *patas*. Essa concordância ocorre no significante, mas há sem dúvida uma instrução para a necessidade de concordância no léxico, que vem do significado: todo ARTD e todo ADJ teriam, como *classe morfológica*, essa necessidade de concordar em número e muitas vezes em gênero. Um adjetivo empregado poderia ser um item lexical com quatro formas de flexão {*negro, negra, negros, negras*} ou com duas {*verde, verdes*}, que seriam duas classes morfológicas distintas, pois representariam dois paradigmas morfológicos distintos: ADJ_{4f} {*negro, vermelho, branco, amarelo, claro, luminoso...*} e ADJ_{2f} {*verde, azul, feroz...*}. A tradição convencionou chamar ambos esses dois paradigmas morfológicos de “adjetivos”, no entanto, o comportamento morfossintático é claramente distinto. O mesmo vale para β : <os> e <nossos> concordam como <cavalos> e não têm relação com α , como ficaria evidente se SUBS fosse um item lexical de outro gênero ou número (*os olhos das nossas éguas são negros, os olhos da nossa égua são negros, os olhos do nosso cavalo são negros*). Também há a concordância γ , de outra ordem (apenas número e não de gênero e de número) entre *olhos*, que compõe o núcleo do primeiro sintagma e o VL <ser> do segundo. Essas concordâncias são a prova de que a morfologia sofre subsunção de uma morfossintaxe mais ampla: nem toda flexão de VL, por exemplo, está no plano do significante: o número γ sim, pois se prefere <são> a <ê>: o verbo de ligação deve

concordar com o sujeito (*o olho de nosso cavalo é negro*). Por outro lado, <vão> está num paradigma temporal distinto de <eram> ou <seriam> e é sabido que o paradigma morfológico conhecido como “tempo verbal” não tem qualquer relação com Morfofonologia e pertence à morfologia *stricto sensu*. Assim sendo, é possível afirmar que, enquanto alguns elementos provenientes da Morfologia dependem do afinamento morfossintático no significante, excluindo outras possibilidades, outros não passam por esse afinamento, pois estão vinculados ou são morfológicos *stricto sensu*, ou se vinculam ao léxico, à semântica ou à referência. Por exemplo, tempos verbais tradicionalmente rotulados como “presente do indicativo”, “pretérito imperfeito do indicativo”, “futuro do pretérito do indicativo” são paradigmas puramente morfológicos, com diversas implicações semânticas e referenciais. Há, portanto em <vão> dois paradigmas: a flexão de pessoa e número, com implicações morfossintáticas de concordância, e a flexão de tempo e modo, de ordem puramente morfológica.

Se entendermos os paradigmas como conjuntos com relações de hiponímia e hiperonímia na ordem do significado de um signo qualquer, diremos que <cavalo> é não só hipônimo de um hiperônimo semântico rotulado como *animal*, mas também hipônimo morfológico de hiperônimos rotulados como *masculino* e de *singular*, além de ser hipônimo do hiperônimo SUBS, conhecido tradicionalmente como uma *classe morfológica*. Esses elementos morfológicos são como que obsessões que a língua impõe ao falante, uma espécie de óculos com que se veem os infinitos elementos da fluida referência sob a forma finita dos paradigmas morfológicos. Essa língua, portanto, é coletiva, de matriz sociológico, tal como a *langue* saussuriana, e não uma língua individual, de matriz psicológica do falante, que pode apoiar-se em mais de um paradigma referencial, tampouco uma língua de matriz antropológico que espelhe acultura de forma cristalina, uma que vez que mescla os paradigmas referenciais de forma dialética. Em suma, os paradigmas morfológicos são historicamente herdados e não se confundem com os paradigmas semânticos, embora ambos estejam no significado. E, de fato, <olho> e <cavalo> participam do mesmo paradigma morfológico que outros substantivos masculinos como <automóvel>, <homem>, <espinafre>, <ancinho>, <contágio> etc. sem que haja alguma outra “lógica” para justificar esse conjunto a não ser o rótulo “substantivo masculino” que caracteriza o paradigma morfológico. Quando se mesclam elementos lexicais com paradigmas morfológicos, estaremos diante de relações morfolexicais e quando são elementos referenciais que se mesclam aos paradigmas morfológicos, teremos relações morforreferenciais. Enquanto os paradigmas lexicais são mais maleáveis diacronicamente, os paradigmas puramente morfológicos são rígidos e dotados desse mencionado ilogismo, cuja explicação se esconde nas brumas da história.

Depois dessas considerações, voltemos à frase inicial e representemo-la agora como:

$$((\sigma^\alpha - s^\alpha \text{olh} : \sigma^{+\alpha} - s^{+\alpha}) (d^\beta \sigma^\beta s^\beta \text{noss} - \sigma^\beta - s^\beta \text{caval} : \sigma^{+\beta} - s^{+\beta})) (\text{não } s^\Delta - \tilde{\text{ão}}^\alpha) (\text{negr} - \sigma^\alpha - s^\alpha)$$

Distinguimos α e β para notações de gênero e α' e β' para notações de número, que em português são morfossintáticos. Abaixo do nível lexical, elementos gramaticais do tipo simbólico são antecidos com <-> e do tipo icônico com <:>. O subordinador, isto é,

aquele que tem o elemento intrínseco dum concordância, está sempre marcado por $+$, uma vez que itens lexicais como “olho” e “cavalo” participam de paradigmas morfológicos do gênero masculino. No entanto, “são” participa também intrinsecamente de outros paradigmas morfológicos, como a conjugação (tradicionalmente chamada de “segunda”) e o tempo-modo (no exemplo, presente-indicativo). Esse elemento puramente morfológico (e não morfossintático) será marcado por letras gregas maiúsculas, no exemplo, a letra grega maiúscula Δ , comentado mais detalhadamente na seção seguinte.

3 LATIM

Comparemos agora a oração portuguesa com possíveis traduções. Em latim, uma possível tradução seria *oculi nostrorum equorum nigri non sunt*. Nessa língua, a concordância entre sujeito e predicativo não se dá em gênero e número, como em português, uma vez que o SUBS tem outros elementos morfológicos intrínsecos e expressos. Caso e número são inseparáveis, formando uma *amálgama morfológica*, isto é, um paradigma representável como caso^onúmero. Além disso, o vocábulo *oculi* pertence intrinsecamente a um paradigma tradicionalmente conhecido como “segunda declinação”, que não é possível de ser representado por meio de uma segmentação como *ocul- \tilde{r}* , à semelhança do português *olh:o^{+ α} -s^{+ α}* , pois α não revelaria todos esses elementos. Representando-os como *ocul ^{Γ} - \tilde{r}* , entende-se a letra maiúscula grega Γ como um elemento intrínseco puramente morfológico ligado ao morfema lexical *ocul-* e a minúscula α como uma amálgama morfológica de caso^onúmero (por analogia ao α ’ do plural em *olh:o^{+ α} -s^{+ α}*), envolvida na regra morfossintática da concordância intervocabular. Como *oculi* é do gênero masculino, elemento morfológico proveniente do radical de *ocul-*, a representação mais completa seria *ocul ^{Γ} α - \tilde{r}* , em que α seria a indicação do gênero masculino. Por fim, sendo nom^opl {<i>, <x><es>, <a>, <ia>, <us>, <ua>...}, a terminação $-\tilde{r}$ depende da declinação (a saber, da segunda), de modo que a representação final seria *ocul^{+ Γ} α - \tilde{r}* , sendo $+\Gamma$ o elemento subordinante e Γ o subordinado. Essa última relação revela a existência de uma *concordância intravocabular*.

Gramáticas de latim dividem uma “terceira declinação parissílaba” e “terceira declinação imparissílaba” quando se trata do genitivo^oplural, no entanto, essa divisão é puramente tradicional: a exceção *canum* “dos cães” pertence, na verdade, ao segundo caso, mesmo sendo didaticamente “parissílaba”: *can^{+ Γ} α um ^{Γ} α* . Da mesma forma explicam-se palavras excepcionais da primeira declinação com dativo-ablativo^oplural *-abus* como *deabus* “às deusas”, isto é, *de^{+ Γ} : α -bus ^{Γ} α* . Em suma, a estrutura mais completa do latim parece ser $x^{+\Gamma+\alpha}y^{+\Gamma+\alpha}$, ao passo que o português, como visto, é $x^{+\alpha}y^{+\alpha}$ pela suposta ausência de declinações. No entanto, a grafia tradicional novamente é enganosa: não temos *olh:o^{+ α} s^{+ α}* simplesmente, mas *olh ^{Γ} :o^{+ α} s^{+ Γ} α* , uma vez que a presença ou ausência de do morfema de plural permite a escolha correta do alomorfe no paradigma lexical *olho* {[¹o Λ], [¹ɔ Λ]}. A estrutura $x^{+\Gamma+\alpha}y^{+\Gamma+\alpha}$ também se pode perceber em *cães* [¹k \tilde{e} j] ^{Γ} α [s]^{+ Γ} α .

Diacronicamente a passagem latim $x^{+\Gamma+\alpha}y^{+\Gamma+\alpha}$ > português $x^{+\alpha}y^{+\alpha}$ mostra uma inversão na hierarquia da concordância intravocabular: os elementos intrinsecamente morfológicos do latim passam a ser subordinados aos elementos de concordância interna

morfossintática do português e, nos paradigmas nominais, há prevalência do elemento gramatical sobre o lexical.

Recordemos que α' refere-se ao número em português e ao caso^onúmero no latim. Tradicionalmente calcula-se o caso^onúmero pela multiplicação da quantidade de casos pela de números, de modo que uma palavra um SUBS em latim seria na verdade sempre um SUBS_{12F}, ou seja, 6 casos vezes 2 números, mas isso é apenas teórico, pois uma palavra como *equus* teria um nom^osg *equus*, voc^osg *eque*, gen^osg ou nom-voc^opl *equi*, dat^oabl^osg *equo*, acus^osg *equum*, gen^opl *equorum*, dat-abl^opl *equis*, acus^opl *equos*, ou seja, seria um SUBS_{8F}. A representação dat^oabl^osg é distinta de dat-abl^opl porque em algumas declinações há distinção entre dativo e ablativo, mas quando a notação $\Gamma + \alpha'$ latino representa 2^a declinação+abl^osg <o>, não há paradigma distinto para 2^a declinação+dat^osg e nesse caso, há amálgama dativo^oablativo, diferentemente do que ocorre em outras declinações. Por outro lado, não seria correto dizer dat^oabl^opl porque em nenhuma palavra latina o dativo plural se distingue do ablativo plural, da mesma forma que não existe nunca um nom^ovoc^opl, mas um só caso^onúmero que se representaria corretamente nom-voc^opl. Por fim, a distinção entre gen^osg *equi* ou nom-voc^opl *equi* é de ordem puramente sintática e não morfológica. O mesmo se pode dizer dos adjetivos: segundo as tabelas das gramáticas tradicionais, *bonus* “bom” seria um ADJ_{32F}, mas abandonando a simetria que implicaria numa simples multiplicação de 3 gêneros vezes 6 casos vezes 2 números, temos, na verdade, um ADJ_{14F} que corresponderia ao exato número de paradigmas morfológicos, em que haveria não só amálgamas morfológicas (como o dat^oabl^omasc *bono* ou nom^ovoc^osgfem *bona*), mas também distinções fictícias, quer por haver ausência de geometria formal (como a supostamente existente entre dativo e ablativo no plural dos três gêneros, *bonis*, que ocuparia seis espaços numa tabela de declinação), quer por ser uma distinção puramente sintática (como a existente no nom^oacus^oneu, seja no singular *bonum*, seja no plural *bona* ou ainda entre nom^ovoc^osgfem *bona* e o nom^oacus^opl^oneu *bona*).

A ideia de haver cinco declinações em latim também é uma simplificação para o indeterminado número de paradigmas flexionais dos nomes. O mesmo poderíamos dizer das *conjugações* verbais em português e isso é evidente quando se diz que o verbo “ser” é da segunda conjugação pelo simples fato de sua vogal temática no infinitivo ser <e>. A solução *ad hoc* diacrônica ao chamar o verbo “pôr” também como verbo da segunda conjugação é ainda mais flagrante. Mas às vezes, inconsistências como essas não são tão óbvias: o verbo *dar* só é considerado da primeira conjugação por causa do infinitivo e de fato se comporta às vezes como tal (por exemplo, no pretérito imperfeito *dava*), mas tem características próprias que não são comuns a nenhuma conjugação tradicional, como a vogal temática [e] compartilhada com outros verbos de segunda e terceira conjugação em tempos diacronicamente ligados ao *perfectum* latino (*deram, desse, der*, como *puderam, pudesse, puder; vieram, viesse, vier; disseram, dissesse, disser*). O mesmo se pode dizer sobre o morfema [ow] para a primeira pessoa do presente do indicativo, em verbos da “primeira conjugação” (como *dar – dou, estar – estou*), da “segunda” (como *ser – sou*) e de “terceira” (como *ir – vou*). Formados analogicamente, podemos dizer que há paradigmas não etiquetados que agrupam flexões como {*deram, puderam, vieram*} e {*dou, estou, sou, vou*} que nada têm a ver com o agrupamento dos infinitivos {*dar, estar*}, {*ser, poder*}, {*ir, vir*}. Desse modo, o número de conjugações em português, entendido como paradigmas mentais, é

muito maior do que as três conjugações tradicionais. É finito, no entanto, embora seu número costume ser indeterminado por falta de estudos. O mesmo se poderia dizer sobre as declinações latinas, se quisermos utilizar os termos “declinação” e “conjugação” como termos técnicos em Morfologia, associadas a paradigmas estruturais e não como termos tradicionais.

A sentença latina poderia, portanto ser analisada da seguinte forma:

$$((\text{Ocul}^{\Gamma\alpha}-\text{t}^{\Gamma+\alpha}) (\text{nostr-}o^{\beta}-\text{rum}^{\beta} \text{ equ}^{+\Theta}-o^{\Theta\beta} -\text{rum}^{\Theta+\beta}))^1 (\text{nigr-t}^{\alpha})^3 (\text{non su}^{\Delta}-\text{nt}^{\alpha})^2.$$

Numera-se com finalidade comparativa. As notações α β indicam o gênero; α' e β' , o caso^onúmero; Γ e Θ são os paradigmas de declinação. Há, ainda, relações de ordem morfofonológica não apontadas: *nostr-* em vez de *noster*, *nigr-* em vez de *niger*. Na verdade, contrastando a alternância do radical entre nom^osg *niger* “negro” e nom^opl *nigr-i* “negros” com a constância entre nom^osg *liber* “livre” e o nom^opl *liber-i* “livres” verifica-se que, além de ser morfofonológica, essa relação também é morfolexical. A indicação Δ revelaria relações de ordem puramente morfológica (a saber, o tempo^omodo e a conjugação), mas há também relações morfolexicais, como a escolha de *su-* em vez de *es-*, *er-*, *fu-*. Se não nos valermos de morfemas-zero, a presença do morfema <-nt> já seria o suficiente para essa escolha, de modo que podemos dizer que, entendendo su^{Δ} como uma forma das três formas do paradigma intitulado pres-ind {*su-*, *e-*, *es-*}, a sua escolha depende da terminação *-nt* ^{α'} e haveria uma concordância interna do tipo $su^{\Delta\Omega}-nt^{+\Omega\alpha'}$. Da mesma forma, *são* em português seria melhor representado como se *s-* fosse uma escolha de *-ão*, no entanto, enquanto *-nt* é a única forma de se marcar a terceira pessoa do plural, *-ão* é excepcional e está presente em paradigmas como {*s-ão*, *d-ão*, *v-ão*, *est-ão*}. Ou seja, se, por um lado, existe a escolha do radical *s-* do conjunto {*s-*, *é-*, *so-*} pela terminação *-ão*, por outro, o radical *s-* também determina como será a terminação e teríamos aí não mais $s^{\Delta}-\tilde{a}o^{\alpha'}$, como apresentado no anteriormente, mas $s^{\Delta+\Phi\Omega}-\tilde{a}o^{\Phi+\Omega\alpha'}$. Tais estruturas estão longe de ser excepcionais e foram apresentadas já por Câmara Jr. (1970). Diacronicamente, a concordância interna flagrante na passagem $su^{\Delta\Omega}-nt^{+\Omega\alpha'} > s^{\Delta+\Phi\Omega}-\tilde{a}o^{\Phi+\Omega\alpha'}$ reflete uma inovação nos paradigmas verbais, tal como ocorreu nos paradigmas nominais, retirando-lhe o caráter aglutinante. Mas, inversamente do que ocorreu como consequência da erosão dos casos e declinações nominais, confere-se prevalência ao elemento lexical sobre o gramatical na formação dos novos paradigmas morfológicos verbais.

4 ROMENO

Observando a mesma frase em romeno (*Ochii cailor noștri nu sunt negri*), há semelhanças e diferenças marcantes em contraste com as duas línguas anteriores. Como no português e diferentemente do latim, o romeno tem artigos definidos (e outros três tipos de artigos: indefinidos, demonstrativos e ordinais), no entanto, diferentemente do português, os artigos definidos não são morfemas livres, que permitem, por exemplo, a interposição de um adjetivo (*os lindos olhos dos cavalos*), mas vêm anexos ao substantivo como uma posposição (GÖNCZÖR-DAVIES, 2008). Há três casos: um nominativo-acusativo-prepositivo, que representaremos como NAP, um genitivo-dativo GD e um

vocativo, não analisado aqui, o qual tem características intermediárias entre flexão e derivação. Além disso fala-se tradicionalmente de três gêneros, que são válidos para os substantivos, mas amalgamados nos elementos adjuntos. Assim, ARTD representa um paradigma de caso^ogênero^onúmero em que NAP^omasc^oneu^osg *-ul* (ou *-le*, por concordância interna morfofonológica), NAP^omasc^opl *-i*, NAP^ofem^osg *-a* (ou *-ua*, por concordância interna morfofonológica), NAP^ofem^oneu^opl *-le*, GD^omasc^oneu^osg *-ului*, GD^ofem^osg *-i*, GD^omasc^ofem^oneu^opl *-lor*. Só se distingue caso nesses morfemas gramaticais, porém, nos substantivos femininos o NAP se diferencia do GD, exemplos: NAP-GD^omasc^osg *cal* “cavalo”, NAP-GD^oneu^osg *oraș* “cidade”, NAP-GD^omasc^opl *cai* “cavalos”, NAP-GD^oneu^opl *orașe* “cidades”, mas: NAP^ofem^osg^onão-definido *casă* “casa”, NAP^ofem^osg^odefinido *cas-*, GD^ofem^osgou NAP-GD^ofem^osg *case*. Assim, a combinação entre SUBS e ARTD gera formas como: *cal*^{+α}*ul*^{+α} “o cavalo”, *cal*^{+α}*ului*^{+α} “do cavalo”, *oraș*^{+α}*ul*^{+α} “a cidade”, *oraș*^{+α}*ului*^{+α} “da cidade”, *cas*^{+αα'}*ă*^{+αα'} “a casa”, *case*^{+αα'}*î*^{+αα'} “da casa”, sendo α aqui gênero e α' o paradigma que poderíamos chamar de caso^onúmero^odefinitude, exclusivo do fem^osg. De fato, as regras se confirmam com o artigo indefinido *un*^α *cal*^{+αα} “um cavalo”, *un-ur*^α *cal*^{+αα} “de um cavalo”, *un*^α *oraș*^{+αα} “uma cidade”, *un-ur*^α *oraș*^{+αα} “de uma cidade”, *o*^{+αα'} *casă*^{+αα'} “uma casa”, *un-ei*^{+αα'} *case*^{+αα'} “de uma casa”. Podemos observar, pelos exemplos romenos, que muitos paradigmas morfológicos são condicionados por outros, por exemplo, em latim, nom^oacus ocorre apenas em palavras com gênero neutro, de modo que é representável como neu → nom^oacus. Essa relação é puramente morfológica. Quanto ao romeno pode-se afirmar, por exemplo, que: (1) não-fem → NAP-GD; (2) fem^osg → α'; (3) pl → NAP-GD. Tais relações morfológicas são válidas até mesmo para as chamadas “formas irregulares”, por exemplo, *zi* “dia” é feminino com plural *zile*, assim sendo, as formas definidas seriam NAP^osg *ziua*, NAP^opl *zilele*, GD^osg *zilei*, GD^opl *zilelor*, que correspondem a: *zi*^{+αα'}*ua*^{+αα'}, NAP^opl *zile*^{+αα'}*le*^{+αα'}, GD^osg *zile*^{+αα'}*i*^{+αα'}, GD^opl *zile*^{+αα'}*lor*^{+αα'} e o mesmo ocorre com as formas indefinidas (*o zi*, *unei zile*, *niște zile*, *unor zile*).

Segundo a nossa notação anterior, teríamos, portanto:

$$((Ochi^{+αα'}-i^{αα'}\Gamma)^+(cai^{+β+β'}-lor^{\beta\Gamma} noștr-i^{\beta\beta'})^1(nu\ s^{\Delta}-unt^{\beta})^2(negr-i^{\alpha\alpha'})^3).$$

Ou seja, α β indicariam o gênero, ao passo que α' β', o número. O símbolo Γ indicaria o caso, que produz concordância interna apenas quando o gênero for feminino e o número for singular, como visto. Por ser diacronicamente ligado ao pronome demonstrativo, assim como os pronomes pessoais das línguas românicas, relações semelhantes também se encontram em português (acus^omasc^osg *o*, acus^omasc^opl *os*, acus^ofem^osg *a*, acus^ofem^opl *as*, dat^osg *lhe*, dat^opl *lhes*) e se vinculam a outro tipo de concordância, conhecida como *regência verbal*. Há casos em romeno, mas não há declinações no sentido tradicional, a menos que o significado de “declinação” fosse ampliado para situações como a oscilação entre os morfemas *-i* e *-e* no fem^opl ou entre *-e* e *-uri* no neu^opl. Bem mais do que o português, línguas como o romeno ou o russo têm grande parte dos paradigmas morfológicos lexicais de gênero associado à Morfofonologia: um SUBS cujo nom^osg termina em *-ă* é feminino (salvas raríssimas exceções como *tată* “pai”). Se termina em consoante, é masculino ou neutro (e isso depende muito de questões referenciais: seres humanos e animais tendem a ser masculinos e outros seres,

neutros, o que estabelece um problema de morforreferencialidade). Já palavras terminadas em *-e* apresentam um paralelo com a situação de imprevisibilidade do português, pois ou são masculinas ou femininas, nunca neutras. Em português, *-a* não é um índice bem menos seguro do que o *-ă* romeno para afirmar que uma palavra seja feminina. Além disso, em romeno, também há concordância morfofonológica interna: se representássemos por φ qualquer regra previsível de caráter morfofonológico, a palavra para “nossos” seria mais bem representada como $nostr^{\alpha}-i^{+\varphi\beta\beta'}$, uma vez que $nostr-$ é alomorfa do masc^opl, ao passo que $noastr-$ se vincula ao fem^osg^opl e $nostr-$ ao masc^oneu^osg. O mesmo se pode dizer de $negr-$ que é a forma que se opõe a $neagr-$, essa última exclusiva do NAP^ofem^osg (masc^oneu^osg *negru*, masc^opl *negri*, fem^oneu^opl *negre*, mas NAP^ofem^osg *neagră* e DG^ofem^osg *negrē*). Diferentemente da metafofia em português, que é diacrônica e morfológica, com muitas exceções, em romeno a metafofia tende a ser morfofonológica, analógica e, portanto, produtiva e previsível. Por fim, o verbo *sunt* pode aparecer, num registro coloquial como *-s* (*nu-s* “não são”), criando assim uma amálgama morfossintática semelhante às que serão vistas do inglês, denunciando uma relação morfossintática de não-centralidade sintática do verbo de ligação em relação ao predicativo do sujeito *negri*, explícita em outras línguas consideradas adiante.

5 INGLÊS

Comparada com a complexidade do latim e do romeno, na tradução para o inglês há muito poucas concordâncias morfossintáticas: *the eyes of our horses aren't black*. A grafia esconde a concordância morfofonológica entre *the* e *eyes*, uma vez que há uma realização não-enfática seguida de vogal [ðɪ], uma não-enfática seguida de consoante [ðə] e uma enfática [ði:]. Em variantes do português existem situações semelhantes: <os> pode realizar-se [uʃ] antes de consoantes surdas, [uʒ] antes de consoantes sonoras e [uz] antes de vogais; em outras variantes há [us] antes de consoantes surdas e [uz] antes de vogais e consoantes sonoras. A forma *aren't* é similar ao romeno *nu-s*, com a diferença de que a variação ocorre no ADVN {[nt], [nɔt]} e não e VL. Existe ainda as formas não contraída *are not* e uma forma coloquial *ain't*, que não é morfofonológica, uma vez que [eɪ] é presa e [ɑ:ɹ] é livre.

A frase inglesa seria anotada como:

$$((The\ eye-s^{+\alpha})(of\ our\ horse-s))^1(are^{\Delta\alpha}-n't)^2(black)^3.$$

Mudanças morfofonológicas não aparecem nas nossas notações por causa de sua previsibilidade. Inexiste concordância morfossintática no interior dos sintagmas, exceto excepcionais concordâncias de número tais como *that^x eye^{+α}*, *those^x eyes^{+α}*, *this^x eye^{+α}*, *those^x eyes^{+α}*. É importante observar que *our* não é um PRPOS mas um ADJ como *black*, mas só pode participar da posição de adjunto adnominal e não de predicativo de sujeito, isto é, não pode ser núcleo de nenhum sintagma, como o português *nosso*, daí a diferença na Gramática Tradicional inglesa entre o “adjetivo possessivo” *our* e o “pronome possessivo”

ours. O símbolo Δ no verbo *are* está apontando para a existência de outros tempos verbais diferentes. Plurais e o gerúndio marcado por *-ing* do gerúndio são, na verdade, aglutinações (não há exceções: mesmo o gerúndio do verbo *to be* é *being*). Por outro lado, o VL da oração analisada é o único que, no presente do indicativo, tem formas para 1-sg *am*, (2-sg)^opl *are* e 3-sg *is*, que concordam em com o sujeito. Noutros verbos, a concordância, feita por aglutinação, ocorre somente em 3-sg^opres: *make* “fazer, faço, fazes, fazemos, fazeis, fazem”. Há verbos que não fazem qualquer distinção entre a 3-sg^opres e as demais pessoas (pres *can* “poder, posso, podes, pode, podemos, podeis, podem”). Esse comportamento configura três tipos de paradigmas verbais para o presente. O pretérito também tem 1^o3-sg *was*, mas (2-sg)^opl *were*, mas demais verbos invariáveis: *made* “fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram”. No entanto, a formação do pretérito pode ser por sufixos com variação morfofonológica {[d], [t], [ɪd]} e previsível (nos chamados “verbos regulares”) ou por diversos tipos de alternância consonantal ou vocálica que poderiam ser chamadas de “conjugações” (nos chamados “verbos irregulares”).

Não há gênero: a distinção entre os pronomes pessoais *he, she, it* é de ordem semântica ou referencial e não forma paradigmas morfológicos, como acontece com outras línguas. Isso é válido mesmo quando se usa *she* para barcos e navios. Embora os plurais sejam construídos por aglutinação, como no português, há exceções notáveis (*foot* “pé”, plural *feet* “pés”, por exemplo). As realizações do *-s* do inglês tem também dependência morfofonológica, sendo [s] o alomorfe usado após consoantes surdas (como em *cats* “gatos”), [z] após vogais, semivogais e consoantes sonoras (como em *eyes* “olhos”) e [ɪz] após algumas fricativas determinadas (como em *horses* “cavalos”). Casos como o de *feet* formam paradigmas morfolexicais, em que há uma amálgama SUBS^onúmero, presente também em línguas como árabe e russo. Tais irregularidades não são fruto de Morfofonologia (como o pl *lápiz* em português ou pl *ochi* “olhos” em romeno). O inglês tem dois casos: um genitivo e um não-genitivo. O genitivo é formado por uma terminação aglutinante semelhante formalmente ao morfema <-s> de plural (*man's eyes, men's eyes*), mas de modo geral, o plural^ogenitivo só se distingue do plural sintaticamente ou graficamente (*horse's eyes, horses' eyes*). Em vários outros aspectos, o inglês se assemelha às línguas isolantes, as quais definem classes por meio da sintaxe: um item lexical como *stomach* pode ser um SUBS ou um V, dependendo do item que o antecede no sintagma (*the stomach* “o estômago”, *to stomach* “suportar”) e o *-s* pode ser interpretado como pl (*the stomachs* “os estômagos”) ou como 3-sg^opres (*he stomachs* “ele suporta”). Voltaremos a isso quando tratarmos do mandarim.

6 ALEMÃO

Comparando com o alemão *Die Augen unserer Pferde sind nicht schwarz*, questões como a da amálgama morfológica voltam à tona. Em alemão, gênero^onúmero é um paradigma morfológico que se divide em quatro: masculino, feminino, neutro e plural. Não há masc^opl ou masc-pl, uma vez que a distinção de gênero só ocorre no singular e, inversamente, todo plural não distingue gênero. Além disso, em alemão, o gênero é quase sempre intrínseco, sem índices (exceto *-e* em palavras femininas, com muitas exceções) e às vezes bastante apartado da referência: neu *Pferd* “cavalo”, masc *Hund* “cão”, fem *Maus*

“rato”. As declinações costumam ser divididas tradicionalmente em duas, conhecidas como “declinação fraca” e “declinação forte”. Além disso, há muitas amálgamas de casos, que são associados mais aos determinantes do que ao núcleo do sintagma nominal: o gênero^onúmero^ocaso de um ARTD *die* é interpretável sintaticamente, pois pode ser um nom-acus^ofem ou um nom-acus^opl. A oração anterior, traduzida, ficaria do seguinte modo:

$$((Die^{\alpha} Auge-n^{+\alpha})(unser-er^{\beta} Pferd-e^{+\beta}))^1(sind^{\alpha} nicht)^2(schwarz)^3$$

Observe que, como no inglês, o ADJ *schwarz* “negro” é invariável, mas isso só ocorre na posição de predicativo. Fora dessa posição, os adjetivos alemães dispõem de uma complexa relação com os outros adjuntos, os quais determinam a sua forma. Assim, em “o cavalo negro” temos *das*^{α+δ} *schwarz-ē*^δ *Pferd*^{+α}, em que gênero neutro de *Pferd* se expressa na concordância com o artigo ARTD *das*, mas, por outro lado, é *das* quem determina a terminação *-e* de *schwarz-e*. Se disséssemos “um cavalo negro”, essa determinação proveniente do artigo (neste caso, indefinido) se evidencia: *ein*^{α+δ} *schwarz-es*^δ *Pferd*^{+α}. Desse modo, mas toda a combinação do sintagma exclui qualquer outra interpretação: *ein* pode ser masc^onom ou neu^onom-acus, mas apenas a segunda interpretação é possível em *ein schwarz-es Pferd* (porque *Pferd* não é masculino) e *schwarzes* pode ser apenas neu^onom-acus. A sintaxe sempre retirará as dúvidas: *schwarz-er* pode ser um masc^onom, um fem^ogen-dat ou um gen^opl; *schwarz-en* pode ser masc^oacus (com qualquer antecessor), um gen-dat (antecedido por ARTD não-pl), um masc-neu^ogen (quando não houver nenhum antecessor), um pl^ogen-dat (com qualquer antecessor), um nom-acus^opl (com qualquer antecessor), um dat^opl (com qualquer antecessor). A forma *unser-er* (às vezes grafada *unsrer*) está no gen^opl, como denuncia a sua terminação *-er* (mas poderia ser um gen-dat^ofem em outra frase) e pode ser substituída por uma forma mais analítica, *von unser-en Pferd-e-n*. Nessa situação, *von* seria PREP que, diferentemente do português ou do inglês (mas semelhante ao latim e ao russo), rege um caso, a saber, dativo, representado pela terminação dat^opl *-(e)n*, que também ocorre em SUBS. A terminação *-en* em *unser-en*, em outros contextos, poderia ser acus^omasc. O sintagma seria então interpretado como *von*^{+β} *unser-en*^{αβ} *Pferd-e-n*^{+αβ}. Observa-se em alemão também o fenômeno da amálgama morfossintática presente no português: em vez de *von*^{+β} *dem*^β *Pferd* “do cavalo” é comum encontrarmos *vom Pferd*, isto é, *vo*^{+βo} *m*^{αβ} *Pferd*^{+αβ}. A alternância *von* e *vo-* (assim como *de* e *d-* em português) mostram que preposições são elementos variáveis do ponto de vista morfossintático.

7 ISLANDÊS

Em islandês, a frase seria *Augu bestanna okkar eru ekei svört*. A complexidade dos paradigmas morfológicos é muito maior do que a do alemão. Numa gramática do islandês como a de Pétursson (1992) afirma-se que há 60 declinações, muitas delas com exceções (que poderiam configurar outras declinações, como ocorre em latim): na sua 1ª declinação teríamos casos como nom^oacus^odat^ogen^osg *auga* “olho” e na sua 59ª declinação estaria nom^osg *bestur* “cavalo”, acus^osg *best*, dat^osg *besti*, gen^osg *bests*. Uma situação de indefinição

do número de declinações, para além de alguns usos tradicionais, também se observa nas gramáticas de sânscrito e de russo.

A sua análise seria:

$$((Aug^{+\Gamma+\alpha}-u^{\Gamma+\alpha})(best^{+\Theta+\beta}-a^{\Theta\beta}-nna^{\beta} okkar))^{1}(er^{\Delta}-u^{\alpha} ekki)^{2}(svört^{\alpha\alpha})^{3}$$

Como em latim, α β indica aqui o gênero; α' e β' , o caso/número; Γ e Θ são os paradigmas de declinação. Tal coincidência mostra semelhanças que podem remontar à morfologia e morfossintaxe indo-europeia. A morfologia islandesa é pesada se comparada com o alemão (em que há diminuição do número das declinações, transformação do gênero e do número em um paradigma gênero/número e a invariabilidade do adjetivo quando predicativo) e muito mais complexa do que a do inglês (que apresenta uma redução do número de casos e a eliminação dos paradigmas morfológicos de gênero em prol de uma crescente valorização da sintaxe, que foi, diacronicamente, substituindo as relações morfossintáticas). A despeito disso, em islandês, a palavra correspondente a “nossos” (*okkar*) é invariável, como no inglês, embora fosse possível usar o genitivo plural *vorra*⁸, considerado antigo e formal. Diferentemente do inglês e do alemão, porém, o adjetivo predicativo concorda com o sujeito, como também ocorre em outras línguas nórdicas cf. dinamarquês ((*Vor-e⁸ best-e⁸-s*)(*ojne⁸*))¹(*er ikke*)²(*sorte⁸*)³, que também tem gênero/número como alemão (BREDSORFF, 1958). Além disso, semelhante ao alemão, a flexão do adjetivo depende de situações que envolvem questões de definitude. Nas gramáticas de islandês, fala-se de uma “declinação fraca” de adjetivos, quando, em situação de adjunto adnominal, há um artigo definido (ou um pronome demonstrativo) e de uma “declinação forte” quando em situações que o alemão usaria um artigo indefinido (mas não há artigos indefinidos em islandês) e também no predicativo do sujeito (diferentemente do alemão, que seria invariável, como visto). Em suma *svört*, traduzido pelo português “negros”, é, na verdade, uma forma que representa nom-acus/neu/pl^o não-definido. As gramáticas mostram duas tabelas, uma para a chamada “declinação forte” (que chamamos aqui de “não-definido”) e outra para “declinação fraca” (ou, na nossa denominação, “definido”), e como há três gêneros (masculino, feminino e neutro) e dois números (singular e plural), o número de formas para um adjetivo como “negro” parece refletir um surpreendente ADJ_{48F}. No entanto, aqui, também, as amálgamas morfológicas mostram que o número é bem menor: na verdade, ADJ_{14F}. Muitas dessas flexões dependem, como no alemão, da sintaxe: só a forma *svörtu* ocuparia 16 espaços nas tabelas simétricas (e *svarta*, 10 espaços), enquanto outras, como *svarti* só ocupa um espaço, o de masculino/nominativo/não-definido/singular (como também ocupam um só espaço formas como *svartur*, *svartan*, *svartir*, *svarttra*, *svartri*), outras ocupariam dois espaços (*svart*, *svartar*, *svarts*), três (*svört*) e quatro (*svörtum*). A definitude, no entanto, diferentemente do alemão, é importante para o islandês em situações para além dos adjetivos em alguns contextos morfossintáticos: *augu* significa “olhos” mas, na frase, poderia também ter ARTD explicitado: *augun* “os olhos”, assim como *bestanna* “dos cavalos” poderia ser usado em uma forma não-articulada *besta*. O emprego dos artigos aqui é estilístico. De qualquer modo, o ARTD é posposto, em maioria das vezes aglutinante. Algo mais parecido com a atuação do

ARTDdo romeno sobre o SUBS ocorre no dativo^oplural islandês, mas reflete um fenômeno morfofonológico: dat^opl^onão-definido *bestum*, mas dat^opl^odefinido *bestu-*, determinado pelo artigo dat^opl *-nnum*.

8 RUSSO

A tradução em russo seria глаза наших лошадей не черные transliterado *glazá nášib lošadéj ne černye*. Como no islandês, o russo é uma língua com numerosos paradigmas herdados, cheios de exceções, explicáveis às vezes apenas diacronicamente, além de mudanças fonéticas ou acentuais, que, formaram novos paradigmas por causa da atuação analógica. Como no latim, não há artigos: normalmente os substantivos têm seis casos (nominativo, genitivo, dativo, acusativo, prepositivo, instrumental) amalgamados com o número (singular ou plural). O gênero é muitas vezes determinável morfofonologicamente por meio de índices (como no romeno), outras vezes intrínseco ao nome, causando implicações na declinação (nos neutros, como em várias línguas indo-europeias, há um nom-acus, tanto no singular quanto no plural). Não só o gênero, mas a *animacidade*, categoria exclusivamente semântica, é decisiva na declinação, de modo que podemos falar de um grande papel morfolexical na declinação russa: substantivos masculinos e femininos agem diferentemente se se referem a animais ou seres humanos do que em relação a outras coisas. O caso genitivo pode amalgamar-se com o acusativo por razões morfolexicais de animacidade. Além dessa implicação morfolexical, há também questões morfofonológicas: a declinação depende também da terminação da palavra. No entanto, nos adjetivos, como no alemão e diferentemente do português, existe um gênero^onúmero (masculino, feminino, neutro, plural). As flexões nominais em russo são do tipo caso^onúmero. Como em islandês, há um número indeterminado de declinações, que cria grande variação formal. Palavras terminadas em *-a* no nom^osg são normalmente femininas (mas há alguns masculinos): nelas, independentemente do gênero, seu ac^osg será *-u*: nom^osg *lošádka* “cavalinho” (feminino), ac^osg seria *lošádku*; nom^osg *mužčina* “homem” (masculino), ac^osg *mužčínu*. Femininos terminados em consoante palatalizada têm um nom^oac^osg: *lóšad’* “cavalo”. Essas regras valem também para seres não-animados: o fem *zemljá* “terra” (nom^osg), *zemlju* (ac^osg); o fem *dvér’* “porta” (nom^oac^osg). Nesses casos, a animacidade (AN) não participa dos paradigmas morfológicos, mas em palavras masculinas no singular há atuação morfolexical: ac^onom^osg^oNÃO-AN *gláz* “olho”; nom^osg^oAN *otéc* “pai”, ac^ogen^osg^oAN *otcá*; nom^osg^oAN *muž* “marido”, ac^ogen^opl^oAN *mužu*. O mesmo ocorre com palavras masculinas e femininas no plural: nom^osg^oAN *lošádka* “cavalinho” (fem), nom^opl^oAN *lošádki*, nom^opl *lošádki*, ac^ogen^opl^oAN *lošádok*; nom^opl^oAN *mužčínj* “homens” (masc), ac^ogen^opl^oAN *mužčín*; nom^opl^oAN *lóšadí* “cavalos” (fem), ac^ogen^opl^oAN *lošadéj*; nom^opl^oAN *otcy* “pais” (masc), ac^ogen^opl^oAN *otcív*; nom^opl^oAN *mužjǎ* “maridos” (masc), ac^ogen^opl^oAN *mužéj*; nom^oac^opl^oNÃO-AN *zemlí* “terras” (fem), gen^opl^oNÃO-AN *zemelj*; nom^oac^opl^oNÃO-AN *dvéri* “portas” (fem), gen^opl^oNÃO-AN *dveréj*; nom^oac^opl^oNÃO-AN *glazá* “olhos” (masc), gen^opl^oNÃO-AN *gláz*.

A análise do russo ficaria portanto:

$$((glaz_{\alpha}^{+\Gamma}-\acute{a}^{\Gamma+\alpha})(nás-ib^{\beta} lošad^{+\Theta}-éj^{\Theta+\beta}))^1(ne)^2(čěrn-yé^{\alpha})^3$$

Os símbolos α β indicam aqui o gênero^ocaso^onúmero; Γ e Θ são os paradigmas de declinação, em cuja flexão também há paradigmas morfofonológicos de esquemas acentuais: *lošad'* [ˈloʂəɫʲ]; *lošadéj* [lɔʂɐˈdʲej]. Isso mostra que, a despeito da grafia, o russo também têm características “simbólicas” (termo utilizado por Sapir, 1921), como ocorre em vários paradigmas morfológicos do árabe e também na formação do tempo passado das línguas germânicas. O verbo “ser” não existe no presente em russo, no entanto no passado (como todos os verbos) a concordância entre sujeito e verbo é do tipo gênero^onúmero, pois apenas verbos no presente ou no futuro há concordância em pessoa-número, como em línguas anteriormente analisadas. Também há uma complexa concordância envolvendo os numerais: no nominativo, 1 concorda em gênero^onúmero com o substantivo (masc *odín*, fem *odná*, neu *odnó*), mas para 2 há um masc^oneu (*dva*) e um fem (*dve*). Todos os demais são invariáveis, exceto se contiverem essas unidades. Além disso, no nominativo desses numerais, após 1, substantivos e adjetivos virão obviamente no nom^osg (*odná^{\beta} lošad^{+β}* “um cavalo”); após o 2, o 3 e o 4, devem vir no gen^osg (*dve^{\beta+\delta} lošadi^{+β\delta}* “dois cavalos”, *tri^{+δ} lošadi^{\beta}* “três cavalos”, *četýre^{+δ} lošadi^{\beta}* “quatro cavalos”); de 5 em diante, ficam no gen^opl (*pjat^{+δ} lošadéj^{\delta}* “cinco cavalos”, *šest^{+δ} lošadéj^{\delta}* “seis cavalos”) exceto em numerais como 11, 12, 13, 14, 21, 22, 23, 24, 31, 32, 33, 34 etc. em que a concordância se faz pela unidade e não pela dezena; quando o caso não for nominativo, os substantivos concordam em caso^onúmero: gen^oac^opl^oAN *dvub^{\beta} lošadéj^{+β}*, dat^opl *dvum^{\beta} lošadjám^{+β}*, instr^opl *dvumjâ^{\beta} lošad'mi^{+β}*, preps^opl *dvub^{\beta} lošadjâh^{+β}*. Algumas cristalizações do russo envolvem simultaneamente diversas relações morfológicas, morfossintáticas, morfofonéticas e morfolexicais: a preposição {*v, vo*} rege o prepositivo, no entanto, a terminação do preps^osg adequada varia entre {-e, -é, -i, -ú} conforme terminação de SUBS, o gênero e o item lexical escolhido. Além disso, do ponto de vista sintático, enquanto <*vo*> é frequente antes certos encontros consonantais, podendo atrair o acento em alguns casos, há exceções notáveis como *vo dvoré* “no pátio”, *v dvéri* “na porta”, *vó pole* “no campo” cujo emprego correto só se justificam lexicalmente, como resultado cristalizado de regras distintas em sincronias pretéritas.

9 TURCO

O português *são* e o islandês *eru* têm são formas específicas para 3-pl^opres. Comparativamente, o alemão *sind* é 1^o3-pl^opres e o inglês *are* é (2-sg)^opl. Em todas as línguas aqui analisadas, há paradigmas pessoa-número. Há línguas não-indo-europeias, porém, em que pessoa e número são dois paradigmas morfológicos distintos. Uma possível tradução para a nossa frase em turco seria *Atlarımızın gözleri kara değil*, que pode ser analisada como:

$$((At-lar-ım-ız-ın^{\delta})(göz-ler-i^{+\delta}))^1(kara)^3(değil)^2$$

Nessa língua não há gênero e as relações morfofonológicas predominam, de tal modo que a escolha dos alomorfe é determinada pelo núcleo do sintagma. A única relação morfosintática é a representação do genitivo, que é feita por meio de dois morfemas: um no subordinante e outro no subordinador. No entanto, se introduzíssemos símbolos para as relações morfofonológicas (φ e φ'), o fenômeno conhecido como *harmonia vocálica* ficaria evidente, a saber: $((at^{+\varphi}lar^{+\varphi}im^{+\varphi}iz^{+\varphi}in^{+\varphi\delta}) (göz^{+\varphi}ler^{+\varphi}i^{+\varphi+\delta}))^1 (kara)^3 (değil)^2$, ou seja, a escolha de *-lar* (em vez de *-ler*) para indicar o plural de *at* “cavalo”; de *-im* (em vez de *-um, -im, -iim*), para indicar a primeira pessoa; de *-iz* (em vez de *-uz, -iz, -iiz*), para indicar o plural pronominal e de *-in* (em vez de *-un, -in, -iin*), para indicar o genitivo dependem da vogal [a] da base. Da mesma forma, a escolha de *-ler* (em vez de *-lar*) para indicar o plural e de *-i* (em vez de *-t, -u, -ü*), para indicar o genitivo dependem da vogal [ø] de *göz* “olho” (UNDERHILL, 1976). Nas línguas indo-europeias o plural nominal não forma um paradigma morfológico distinto do número pronominal: embora não compartilhe dos mesmos morfemas, a concordância entre sujeito e verbo une o conceito de número nominal e o de número verbal. O mesmo não ocorrerá com o turco, com o japonês e com o mandarim. No âmbito dos pronomes, o plural de *ele-s, ela-s* em português chega a ser idêntico ao dos nomes, mas isso não é universal: o inglês *they* independe formalmente de *he, she, it* e em alemão *sie*, seguindo a amálgama feminino-plural do nominativo de ARTD, embora a concordância se dê apenas em número: *sie ist* “ela é”, *sie sind* “eles/elas são” (cf. capítulo “Structure des relations de personne dans les verbes” em BENVENISTE, 1966, pp. 225-236).

O item *değil* não é um ADVN, mas um ADVN^oVL e sua tradução seria “não ser”. O uso do morfema do plural *ler* seria obrigatório se o sujeito fosse um ser humano (*değiller*). Em vez de *değil*, num uso formal, é possível expressar a translação de *kara* para um sintagma verbal por meio da explicitação do verbo “ser” *değil*^{+ø} *-dir*^{+ø}, que é um morfema suscetível a harmonias vocálicas (*-dir, -dir, -dur, -dür*, que após consoante surda seria *-tir, -tur, -tur, -tür*). A posição de *-dir* em relação a *ler* não é rígida, pois é possível dizer tanto *değildirler*, quanto *değillerdir*, com implicações estilísticas. A função de *dir* é a de translação: da mesma forma que a preposição portuguesa *de* (ou o *of* do inglês ou o *von* do alemão) transforma a oração *os nossos cavalos* numa oração subordinada adjetiva (ou nos termos de TESNIÈRE, 1953, numa classe A), o item *-dir* do turco transforma *kara* “negro” num verbo (nos termos de TESNIÈRE, 1953, numa classe I), ou seja “ser negro”, o que é negado pelo ADVN^oVL *değil*: *güzeldir* (“é belo”), *pistir* (“é sujo”), *kördür* (“é cego”), *büyükdür* (“é grande”), *dardır* (“é estreito”), *sıcaktır* (“é quente”), *zordur* (“é difícil”), *boştur* (“é vazio”).

O turco tradicionalmente tem seis casos expressos por aglutinação de sílabas pospostas, mas não tem declinações, pois todas as palavras recebem as mesmas terminações, que variam apenas em harmonia vocálica. Os casos não são amalgamados com o número, uma vez que o morfema de plural *-lar* \approx *-ler* é simplesmente aglutinado após o núcleo do substantivo. Assim, temos: nominativo singular *göz*, nominativo plural *göz-ler-i*, acusativo singular *göz-ü*, acusativo plural *göz-ler-i*, genitivo singular *göz-ün*, genitivo plural *göz-leri-n*, dativo singular *göz-e*, dativo plural *göz-ler-e*, locativo singular *göz-de*, locativo plural *göz-ler-de*, ablativo singular *göz-den*, ablativo plural *göz-ler-den*. Esses morfemas têm caráter aglutinante e não fusionante, à semelhança do plural do português e do genitivo do inglês. A pluralidade pronominal é distinta da pluralidade nominal, pois é marcada por

-iʒ e seus alomorfes na primeira e segunda pessoas: *at-im* “meu cavalo”, *at-in* “teu cavalo”, *at-im-iʒ* “nosso cavalo”, *at-in-iʒ* “vosso cavalo”. No plural: *at-lar-im* “meus cavalos”, *at-lar-in* “teus cavalos”, *at-lar-im-iʒ* “nossos cavalos”, *at-lar-in-iʒ* “vossos cavalos”. Essas formas, contudo, podem ser enfatizadas com um pronome livre, por exemplo, em vez de *at-lar-im-iʒ* “nossos cavalos” é possível também dizer *b-iʒ-im at-lar-im-iʒ*, que tem uma concordância de pessoa (mas não de número), pois *-im* e variantes se referem à 1ª pessoa e *-in* à 2ª pessoa (do singular ou do plural): *b^δ-en-im^δ at-im^{+δ}* “meu cavalo”; *b^δ-en-im^δ at-lar-im^{+δ}* “meus cavalos”; *s^δ-en-in^δ at-in^{+δ}* “teu cavalo”; *s^δ-en-in^δ at-lar-in^{+δ}* “teus cavalos”; *b^δ-iʒ^ε-im^δ at-im^{+δ}-iʒ^{+ε}* “nosso cavalo”; *b^δ-iʒ^ε-im^δ at-lar-im^{+δ}-iʒ^{+ε}* “nossos cavalos”; *s^δ-iʒ^ε-in^δ at-in^{+δ}-iʒ^{+ε}* “vosso cavalo”; *s^δ-iʒ^ε-in^δ at-lar-in^{+δ}-iʒ^{+ε}* “vossos cavalos”. Como a forma sufixada é a obrigatória para a expressão da posse, entende-se que a concordância ocorre no pronome independente (que pode ser subentendido) e não o contrário. Como os pronomes *ben*, *sen*, *biʒ*, *siʒ* equivalem aos pronomes pessoais “eu”, “tu”, “nós”, “vós”, respectivamente, conclui-se que não há um paradigma morfológico exclusivo para os pronomes possessivos. Mais do que isso, a própria posse, de modo geral, pode ser marcada por meio das concordâncias acima. Na 3ª pessoa: “o cavalo dele/dela” seria dito *at-i*, mas o cavalo deles/delas” também seria *at-i*. Para retirar a ambiguidade, deve-se usar o pronome de 3ª pessoa, que seria *o* no singular (com o alomorfe *on-*, morfológica e não morfofonológica) e *onlar*, que tem plural nominal *-lar* e não o plural verbal *-iʒ*, ou seja, respectivamente, *on-un at-i* “o cavalo dele/dela”, que equivale a *on^δ-un^δ at-i^{+δ}* e *on-lar-in at-i*, isto é, ou *on^δ-lar-in^δ at-i^{+δ}*. Igualmente *at-lar-i* significa “os cavalos dele(s)/dela(s)”, que pode ser desambiguizado como: *on^δ-un^δ at-lar-i^{+δ}* (“os cavalos dele/dela”) e *on^δ-lar-in^δ at-lar-i^{+δ}* (“os cavalos deles/delas”). A mesma lógica da 3ª pessoa é empregada quando o possuidor não é um pronome, daí: *at-in^δ göʒ-ü^{+δ}* “o olho do cavalo”; *at-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos do cavalo”; *at-lar-in^δ göʒ-leri^{+δ}* “os olhos dos cavalos”; *at-im-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos de meu cavalo”; *at-lar-im-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos de meus cavalos”; *at-im-iʒ-in^δ göʒ-ü^{+δ}* “o olho de nosso cavalo”; *at-im-iʒ-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos de nosso cavalo”; *at-lar-im-iʒ-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos de nossos cavalos”. O *-i^{+δ}* (e alomorfes, conforme a harmonia vocálica) que compõe a concordância possessiva pode ter a forma *-si^{+δ}* (e alomorfes, conforme a harmonia vocálica) após uma palavra com vogal: *on^δ-un^δ araba-si^{+δ}* “o carro dele/dela”. As regras acima são recursivas: *b^δ-en-im^δ at^δ-im^{+δ}-in^δ göʒ-ler-i^{+δ}* “os olhos de meu cavalo”; “os olhos do cavalo de meu pai *b^δ-en-im^δ baba^{+δ}-m^{+δ}-in^{+δ} at^{+δ}-im^{+δ}-in^{+δ} göʒ-ler-i^{+δ}*”. Questões de definitude não se apresentam aqui, uma vez que, inversamente ao islandês, o turco só tem artigo indefinido, que é uma palavra invariável (*bir*), a qual se antepõe ao substantivo. No entanto, a definitude é marcada junto ao caso acusativo, de modo que *göʒ-ü* pode significar acusativo^o definido e *göʒ* pode ser tanto nominativo quanto acusativo^o não-definido.

10 HÚNGARO

Algumas semelhanças com o turco podem ser encontradas na tradução do húngaro *a lovaink szemei nem feketék*. Ao contrário do turco, porém, não há artigos indefinidos. OARTD é representado por *a* ou *aʒ*, dependendo se segue um item lexical com consoante ou vogal, respectivamente. O verbo “ser” não é usado nas terceiras pessoas do presente

do indicativo, embora exista nas demais pessoas. A negativa do verbo “ser” é feita simplesmente com o ADVN*nem*, que assume a função de ADVN^oVL, como o *değil* do turco. Verbos transitivos concordam em pessoa com o sujeito mas também com o objeto direto. A harmonia fonética também tem grande papel, como no turco, mas, diferentemente dessa língua, a analogia não atuou amplamente e surgiram várias exceções, explicáveis diacronicamente. Trata-se de também de uma língua aglutinante, no entanto, algumas palavras sofrem mudanças alomórficas, como nas línguas flexivas, diferentemente do turco (SZENDE & KASSAI, 2007). Fora das variações morfofonológicas, não se pode afirmar que haja declinações em húngaro; em contrapartida, há pelo menos 17 casos (nominativo, acusativo, dativo-genitivo, instrumental, causal-final, translativo, terminativo, essivo-formal, inessivo, superessivo, adessivo, ilativo, sublativo, alativo, elativo, delativo, ablativo). O plural também é um morfema aglutinado *-ak* (ou *-ek*, dependendo da harmonia vocálica), que estabelece assimilação fonológica progressiva com algumas terminações de casos (como é o caso do instrumental e do translativo). Assim, o nom sg *ló* “cavalo” corresponde ao nom pl *lov-ak*, com alomorfa excepcional. Sobre a base *ló-* ou *lov-* formam-se outros casos: acus sg *lov-at* (pl *lov-ak-at*), dat-gen sg *ló-nak* (pl *lov-ak-nak*), instr sg *ló-val* (pl *lov-ak-ka*), caus-fin sg *ló-ért* (pl *lov-ak-ért*), transl sg *ló-vá* (pl *lov-ak-ka*), term sg *ló-ig* (pl *lov-ak-ig*), ess-form sg *ló-ként* (pl *lov-ak-ként*), iness sg *ló-ban* (pl *lov-ak-ban*), superess sg *lov-on* (pl *lov-ak-on*), adess sg *ló-nál* (pl *lov-ak-nál*), ilat sg *ló-ba* (pl *lov-ak-ba*), sublat sg *ló-ra* (pl *lov-ak-ra*), alat sg *ló-hoz* (pl *lov-ak-hoz*), elat sg *ló-ból* (pl *lov-ak-ból*), delat sg *ló-ról* (pl *lov-ak-ról*), ablat sg *ló-tól* (pl *lov-ak-tól*). Os possessivos, como no turco, também são expressos por desinências: *lov-am* “meu cavalo”, *lov-ad* “teu cavalo”, *lov-a* “o cavalo dele/dela”, *lov-unke* “nosso cavalo”, *lov-atok* “vosso cavalo”, *lov-uk* “o cavalo dele/delas”, no plural: *lov-a-im* “meus cavalos”, *lov-a-id* “teus cavalos”, *lov-a-i* “os cavalos dele/dela”, *lov-a-ink* “nossos cavalos”, *lov-a-itok* “vossos cavalos”, *lov-a-ik* “os cavalos dele/delas”. Essas formas também recebem casos: nom *lov-a* “o cavalo dele”, acus *lov-á-t*, dativo *lov-á-nak*, instr *lov-á-val*, caus-fin *lov-á-ért*, transl *lov-á-vá*, term *lov-á-ig*, ess-form *lov-á-ként*, iness *lov-á-ban*, superess *lov-á-n*, adess *lov-á-nál*, ilat *lov-á-ba*, sublat *lov-á-ra*, alat *lov-á-hoz*, elat *lov-á-ból*, delat *lov-á-ról*, ablat *lov-á-tól*. Na construção *a lov-a-ink szem-e-i*, do exemplo, o *-i* de *sem-e-i* é um possessivo. O caso dat-gen associado ao elemento possuído pode estar explícito pela a terminação *-nak* (ou *-nek*, dependendo da harmonia vocálica) ou ser omitido, ou seja, por um lado, temos: *a lov-a-ink-nak^δ szem-e-i^δ* marcado morfossintaticamente e, por outro, *a lov-a-ink szem-e-i*, com a relação de posse expressa sintaticamente. Isso dá à nossa análise a seguinte forma:

$$((A \text{ lov}^\Gamma -a^{+\Gamma} -ink)(szem-e^{+\alpha\Sigma} -i^{+\Sigma}))^1 (nem)^2 (fekete^\Theta -k^{\alpha+\Theta})^3$$

Apesar da morfologia pesada, o húngaro não tem muitas relações morfossintáticas intervocabulares, a não ser o α , que indica concordância de número entre o sujeito e o predicativo. O húngaro não tem também elementos morfológicos intrínsecos, a não ser questões de concordância interna Γ e Θ , pouco previsível, por envolver elementos diacrônicos, como no já mencionado *lov-* em vez de *ló-* e também em *fekete* “negros”, forma não-nominativa e não-singular (cf. nom sg *fekete*). Também a indicação do plural *-ek* é substituída por *-e*, por uma questão de concordância interna e indicada por Σ . Alguns

elementos morfológicos intrínsecos, contudo, aparecem em questões de transitividade verbal.

11 ÁRABE CLÁSSICO

Analisando uma possível tradução de nossa sentença em árabe padrão (THACKSTON, 1994), teríamos. ليست عيون جياننا سوداء, transliterado como: *laysat 'uyūnu jiyādīnā sawdā'a*. No árabe há elementos intrínsecos, como o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular, dual ou plural): a palavra 'uyūn "olhos" está no plural porque são olhos de mais do que um animal (já uma frase como "os olhos de meu cavalo" estaria no dual). Como no alemão, o plural é bem pouco previsível: o sg 'ayn "olho" corresponde ao pl 'uyūn, mas sg jawād "cavalo" vincula-se morfológicamente ao pl jiyād, o que aponta para padrões flexivos que envolvem alternâncias vocálicas, as quais não são chamadas tradicionalmente de declinações. O plural portanto é frequentemente SUBS^o número, como nos chamados "plurais irregulares" do inglês (do tipo *feet, mice, women*) e o frequente uso da alternância vocálica sobre o esqueleto consonantal do vocábulo fez Sapir (1921) classificar essa língua como "simbólica". Esse tipo de alternância também ocorre com frequência no plural alemão: masc *Apfel* "maçã", pl *Äpfel*; fem *Mutter* "mãe", pl *Mütter*, às vezes junto com terminações: masc *Baum* "árvore", pl *Bäum-e*; neu *Dorf* "aldeia", pl *Dörf-er*. O mesmo comportamento se vê em alguns adjetivos: masc^osg *ʿaswad* "negro", fem^osg *sawdā'*, masc^ofem^opl *sūd*.

Não há artigos indefinidos e o ARTDtem variação morfofonológica do tipo assimilação fonética regressiva com sons representados pelas chamadas "letras solares" da Gramática Tradicional (*al-, as-, aš-, aẓ-, ar-, ad-, aḏ-, at-, aṭ-, an-, aṭ-, aḏ-, aẓ-, aṣ-*). A ordem VSO da oração analisada pode ser alterada, com conseqüências estilísticas, para 'uyūnu jiyādīnā *laysat sawdā'a*. Há três casos, marcados sempre pela aglutinação de um morfema (nom -u, acus -a, gen -i) idêntico no singular e no plural: nomsg 'ayn-u "olho", acus sg 'ayn-a, gen sg 'ayn-i; nom pl 'uyūn-u, acus pl 'uyūn-a, gen pl 'uyūn-i, mas: nom^odual 'ayn-ā, gen^oacus^odual 'ayn-ay. O possessivo é posposto (como em turco e húngaro) e os sufixos possessivos vêm depois do caso: nomsg *jawād-u-nā* "nosso cavalo"; acus sg *jawād-u-nā*; gen sg *jawād-i-nā*; nompl *jiyād-u-nā* "nossos cavalos"; acus pl *jiyād-a-nā*; genpl *jiyād-i-nā*. Os verbos concordam em gênero^onúmero (exceto a primeira pessoa) e as pessoas são marcadas por circunfixos: *ʿa-ktub-u* "eu leio", *na-ktub-u* "nós lemos", *ta-ktub-u* "tu lê" (masc), *ta-ktub-āni* "vós ambo(a)s ledes", *ta-ktub-ūna* "vós ledes" (masc), *ta-ktub-īna* "tu lê" (fem), *ta-ktub-na* "vós ledes" (fem), *ya-ktub-u* "ele lê", *ya-ktub-āni* "eles leem" (dual), *ya-ktub-ūna* "eles leem" (pl), *ta-ktub-u* "ela lê", *ta-ktub-āni* "elas leem" (dual), *ya-ktub-na* "elas leem" (pl). Não há verbo "ser" no presente, mas existe um verbo "não ser": 1-sg *lastu*, 2-sg^omasc *lasta*, 2-sg^ofem *lastī*, 3-sg^omasc *laysa*, 3-sg^ofem *laysat*, 2-dual^omasc^ofem *lastumā*, 3-dual^omasc *laysā*, 3-dual^ofem *laysatā*, 1-pl *lasnā*, 2-pl^omasc *lastum*, 2-pl^ofem *lastunna*, 3-pl^omasc *laysū*, 3-pl^ofem *lasna*. Esse verbo "não ser" rege o acusativo, como mostra o morfema -a de *sawdā'-a*. Apesar de termos masc pl 'uyūn "olhos", a concordância ocorre no predicativo com um fem sg *sawdā'* "negra" por um fenômeno conhecido tradicionalmente como *polaridade*, que é uma "discordância" de gênero e de número. Como no russo, também

elementos morfolexicais estão envolvidos nessa escolha, pois a polaridade ocorre quando o sujeito da oração não é um ser humano. Se nos referíssemos a seres humanos haveria o masc^ofem pl *sūd*, como esperado em uma concordância. Também há polaridade em árabe após os numerais: de 3-10, numerais masculinos concordam com palavras femininas no genitivo e *vice versa* (*ʿarbaʿat-i^β ʿullāb-in^{+β}* “quatro alunos”, *ʿarbaʿ-i^β ʿalibāt-in^{+β}* “quatro alunas”), os numerais 11 e 12 concordam normalmente em gênero (mas em 11, a palavra fica no singular e em 12, no dual) etc. e essa complexidade lembra a do russo.

A frase analisada seria assim anotada:

$$(laysat^{\gamma+\delta})^2((\epsilon uyuun^{+\xi+\gamma}-u)(jiyad-i-na))^1(sawda^{\xi-d})^3$$

Anotou-se com γ a concordância entre o sujeito *ʿuyūn* “olhos” e ADVN^oL *laysat* e com ξ a polaridade de gênero e número com *sawda*². Também está marcada com δ a regência exigida entre *laysat* e *sawda*².

12 JAPONÊS

Relações envolvendo paradigmas flexivos de número ocorreram em todos os exemplos acima, de modo que é possível pensar que se trata de um elemento universal e intrínseco aos substantivos. No entanto, há muitas línguas em que essa afirmação é refutada. Uma possível tradução da frase em japonês seria 私たちの馬の目は黒くない, transliterada para *watashitachi no uma no me wa kurokunai*. Em japonês não há artigos, nem gênero, nem número nominal (ANDO, 1957). A frase poderia ser analisada da seguinte forma:

$$((watashi-tachi no)(uma no)(me wa))^1((kuro)^3kunai)^2.$$

Os casos são marcados por posposições, que indicam relações sintáticas como nominativo-tópico (*wa*), ergativo (*ga*), acusativo (*o*), genitivo (*no*), alativo (*e*), inessivo (*ni*), locativo (*de*). Também não existem pronomes possessivos, de modo que “meu” também se traduz pelo pronome pessoal *watashi* “eu” juntamente com a posposição de genitivo *no* (à semelhança de *d’ele*, *d’ela*, *d’eles*, *d’elas* em português). A terminação *-tachi* marca exclusivamente o plural pronominal, como o *-iz* do turco: *watashi* “eu”, *watashi-tachi* “nós”, *anata* “você”, *anata-tachi* “vocês”, mas na terceira pessoa o pronome pessoal é marcado por *ra*: *kare* “ele”, *kare-ra* “eles”, *kanojo* “ela”, *kanojo-ra* “elas”. Na frase acima, não há concordâncias, no entanto há indicação de diversos elementos intrínsecos importantes, ligados mais à referência do que ao significado. A classe dos pronomes pessoais é muito extensa associada a uma rede bastante complexa de relações pragmáticas, que envolvem: sexo do enunciador, formalidade, informalidade, neutralidade e hostilidade, podendo dar nuances de intimidade, companheirismo, distanciamento, hierarquia. Outros ainda podem soar geracionais, masculinizados, feminilizados, infantilizados, rústicos, solenes, arcaicos. Somente para “eu” há termos como *watashi*, *watakushi*, *atashi*, *atakushi*, *ware*, *ore*, *boku*, *waga*, *washi*, *jibun*, *atai*, *oira*, *ora*, *uchi*, *wate*, *shōsei*, *asshi*, *sessha*, *wagabai*, *soregashi*, *warawa*, *wachiki*, *yo*,

chin, maro, onore e para “você” *anata, anta, kimi, otaku, omae, temae, temee, kisama, kika, kikan, onsha, kisha, kei, nanji, onushi, sonata, sochi*. No entanto, todas essas formas ainda podem ser subentendidas, sem qualquer marca de concordância verbal, ou, no caso da segunda pessoa, substituídas pelo nome do interlocutor, de modo que outros elementos da oração podem subentender as relações sociais envolvidas. Uma forma como *watasbi* “eu” é a forma mais neutra, mas é rara em contextos informais, por pessoas do sexo masculino; *watakushi*, em contextos normais, pode soar presunçoso, por ser mais antigo e nobre; *atashi* está bastante presente na expressão feminina informal, mas em contextos formais pode soar fútil ou infantil; *boku* pode soar mais masculino e subordinado, já na fala feminina, pode soar como lésbica ou bissexual; *ore* pode ser uma expressão masculina e informal, mas em contextos formais pode soar arrogante. Também por razões morforreferenciais, o plural pronominal *-tachi* pode ser substituído por *-domo, -ra* ou por reduplicações. Encontram-se formas que podem evocar delicadeza (*watakushitachi, watashidomo, watakushidomo*), intimidade (*bokutachi, bokura*), vulgaridade (*oretachi, orera*), humildade (*temaedomo*) ou uma expressão literária (*warera, wareware*). Ênfase e polidez também estão presentes na expressão de “não ser”. Além de *kurokunai* é possível ser mais polido ou enfático (*kuroku wa nai, kuroku arimasen, kurokunai desu*), honorífico (*kurō gozaimasen, kurō irasshaimasen*) ou humilde (*kurōmairimasen*). Relações morforreferenciais se distinguem das morfolexicais como as apresentadas no russo, pois estão mais vinculadas ao discurso e à pragmática do que à estruturação de conceitos.

Há duas classes de adjetivos. Aos chamados “adjetivos-i” pertenceriam palavras como *kuroi* “negro”, que se flexionam de modo muito semelhante a verbos, mas também há os “adjetivos-na”, invariável, como em *kirei* “bonito”, mais próxima dos substantivos: nesse segundo caso, tanto o verbo “ser” quanto a negação se manifestam de maneira distinta em afirmações (*kirei de aru, kirei da*), negações (*kirei de nai, kirei de wa nai, kirei ja nai*), expressões envolvendo polidez (*kirei de arimasu, kirei desu*), negação polida (*kirei de wa arimasen*); negação honorífica (*kirei de irasshaimasen, kirei de gozaimasen*), negação humilde (*kirei de mairimasen*) etc.

Concordâncias inexitem no japonês exceto nos chamados *classificadores*, empregados juntamente com numerais, por exemplo: a tradução de “dois” varia bastante dependendo da relação morfolexical com o substantivo numerado: *futatsu* (duas coisas), *futari* (duas pessoas), *nibai* (por exemplo, dois copos), *nibiki* (por exemplo, dois animaizinhos), *nivai* (para duas aves ou dois coelhos), *nisatsu* (para dois livros), *nibon* (para duas coisas longas), *nidai* (para duas máquinas), *niken* (para dois prédios), *nisoku* (para dois sapatos), *nimai* (para duas tábuas). Assim, “dois cavalos” se diz *nitō no uma*, que pode ser analisado como *nitō^δ no uma^{+δ}* (pois *tō* é o classificador para animais grandes, como cavalos, gado, ursos, carneiros, ou no jargão dos biólogos, para insetos), já “dois olhos” se diz *futatsu^δ no me^{+δ}*.

13 MANDARIM

A frase em questão poderia ser traduzida em mandarim como 我们的马的眼睛不是黑的, transliteração: *wǒmen de mǎ de yǎnjīng bù shì hēi de*. Nessa língua, também não há

artigos, nem gênero, nem número. Também não há casos, nem flexão verbal. Por ser isolante, muitas vezes as próprias classes de palavras são, como no inglês, definidas sintaticamente. A partícula *de* faz a maioria das translações. Em vez de *bù shí hēi de*, é possível dizer apenas *bù hēi* (literalmente “não-preto”). O uso do VL *shí* exige a presença de *de*, caso contrário, por causa do monossilabismo, *hēi* poderia ser entendido como um substantivo homônimo.

Desse modo, a análise da frase ficaria assim:

((*nǒ-men de*)(*mǎ de*)(*yǎnjīng*)¹(*bù shí*)²(*hēi de*)³.

Como o *-tachi* japonês, o plural pronominal é feito com a posposição *-men* (*nǒ* “eu”, *nǒ-men* “nós”; *nǐ* “tu”, *nǐ-men* “vós”; *tā* “ele/ela”, *tā-men* “eles/elas”). Classificadores também existem em mandarim em grande número, sendo, como em japonês, praticamente o único caso de concordância, de ordem morfolexical. Diferentemente do japonês, trata-se sempre de morfemas sempre aglutinados e de uso, por vezes, bastante particular (YIP & RIMMINGTON, 2004): *ge* (classificador geral); *bǎ* (objetos com algo para segurar); *zhī, gēn, gǎn, guǎn, tiáo, dào, liú, gǔ* (objetos longos e estreitos); *kē, lì, tuán, lún* (objetos redondos ou ovais); *zhāng, fú, piàn, mìn, shàn, kuài* (achatados ou com uma superfície plana); *gè, wèi, míng, yuán, tiáo, kǒu* (seres humanos), *zhī, pǐ, tóu, tiáo* (mamíferos, aves e insetos), *tiáo* (peixes, répteis e vermes); *kē, duǒ, zhī, shù, cù* (plantas), *zuò, suǒ, jiān, jiā, dòng, zhàng, suǒ* (estruturas arquitetônicas ou elementos naturais imponentes), *liàng, bù, liè, sōu, tiáo, jià, dǐng* (veículos); *tái* (máquinas); *cháng, chǎng* (eventos sociais); *běn, shǒu, què, piàn, chū, jù, shēng* (publicações, escritos, expressões); *jiàn, tiáo, dǐng, fù, shuāng* (roupas); *zhǒng, lèi, yàng* (abstrações) e muitos outros gramaticalizados (*kǒu, tóu, wèi, piē, fú, fēng, fā, juǎn* etc.). Uma expressão como “dois cavalos” se diz *liǎng-pí mǎ*^{+δ}; já “dois olhos” seria *liǎng-zhī yǎnjīng*^{+δ}.

Por causa do monossilabismo, a repetição de palavras ou a justaposição de sinônimos é muito comum. Frequentemente o segundo elemento da justaposição é mais antigo ou mesmo é arcaico, convivendo assim na forma de compostos cristalizados com elementos de sincronias distintas: apenas *yǎn* significaria “olho”, mas *yǎnjīng* há justaposição de uma forma mais antiga, *jīng*. O motivo desse tipo de justaposição é a grande quantidade de homônimos, por exemplo: *yǎn* pode também significar 琰 “joia” ou 鯉 “bainha” e a comunicação pode ser prejudicada.

CONCLUSÕES

O problema das exceções, mais frequentes em algumas línguas do que em outras convoca os modelos da Morfologia a serem sensíveis ao material herdado em vez de simplesmente descartá-lo como pouco produtivo. Além da integração do elemento

diacrônico em seus modelos, as observações da Linguística Comparada, no que se refere a repensar os termos tradicionais da Morfologia, são imprescindíveis: empregados em diferentes línguas, fazem-nos acreditar em equivalências estruturais, somente existentes em planos ideais, tais como os apresentados pela Gramática Tradicional. Um caso como “dativo” é associado aos objetos indiretos no latim, mas também à regência de preposições em alemão (associada semanticamente ao afastamento de um “ablativo”, por exemplo, em *von, aus*) e em russo (associada semanticamente à aproximação de um “alativo”, em *к*). O “genitivo” pode ser um morfema claramente segmentável e uniforme, como em inglês e em árabe, mas fusionado ao gênero no latim e no russo e à definitude em romeno. Pode estar vinculado ao possuidor de modo quase coordenado como em turco e em húngaro. Pode, finalmente, ser uma “função” de uma preposição no português (*de*) e inglês (*of*) ou de uma posposição no japonês (*no*) e mandarim (*de*). A etiquetagem das unidades morfológicas, base de uma descrição qualquer em Linguística, não pode ser feita sem uma distinção clara entre o que é puramente morfológico daquilo que é morfofonológico, morfosintático, morfolexical e morforreferencial. E nada disso é possível sem que o nível morfológico seja compreendido como independente, a despeito de suas fronteiras, da mesma forma como não é possível falar de Bioquímica sem que Biologia e Química sejam ciências distintas. A fronteira das áreas não se confunde, portanto, com a subsunção da Morfologia a qualquer outra área da Linguística.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à profa. Dra. Safa Alferd Abu Chahla (DLO-FFLCH/USP), à profa. Junko Ota (DL-FFLCH/USP), ao prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (DL-FFLCH/USP) e a Amílton Jorge da Costa Reis (mestre, DLCV-FFLCH/USP) e aos professores do Centro Cultural Brasil-Turquia, pelas dúvidas retiradas com relação às traduções feitas, cujos problemas de interpretação são de minha inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDO, Z. K. *Gramática da língua japonesa*. São Paulo: s/ed, 1957.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*, v.1. Paris: Gallimard, 1966.

BREDSORFF, E. *Danish: an elementar grammar and reader*. Cambridge: University Press, 1958.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2005³⁵ [1ª ed. 1970].

GÖNCZÖR-DAVIES, R. *Romanian: an essential grammar*. London/ New York; Routledge, 2008.

PAPAVERO, N.; VIARO, M. E. O “zebro”: considerações históricas, sua identificação e distribuição geográfica, origem da palavra “zebra” e considerações sobre etimologia. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/11/7/47-1>

PÉTURSSON, M. *Lehrbuch der isländischen Sprache*. Hamburg: Helmut Buske, 1992.
SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Hancourt, Brace & Co, 1921.

SZENDE, T.; KASSAI, G. *Grammaire fondamentale du hongrois*. Paris: L’Asiathèque, 2007.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1953.

THACKSTON, W. M. *An introduction to Koranic and Classical Arabic*. Bethesda, Maryland: Ibex, 1994.

UNDERHILL, R. *Turkish grammar*. Cambridge, Mass./London: MIT, 1976.

VIARO, M. E. Linguística da comunicação e Linguística descritiva: os eixos sincrônico e diacrônico nos atuais modelos de Morfologia. In: *Estudos linguísticos*, São Paulo, 41 (1), 2012: p. 277-290. Disponível em: http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_Integra_v1.pdf

VIARO, M. E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*, 2 (2010): 173-190. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1513/0>

VIARO, M. E. Onde se encontra a morfologia no signo linguístico? *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, 6, 2018: p. 11-29. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28109/19115>

VIARO, M. E. Aquisição de linguagem e linguística diacrônica. In: ZAVAGLIA, Claudia; SILVA, Odair Luiz Nadin (org). *De histórias, palavras e dicionários: estudos em homenagem à Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

YIP Po-Ching; RIMMINGTON, Don. *Chinese: a comprehensive grammar*. Lonfon/ New York: Routledge, 2004.

Recebido em: 20/12/2020

Aprovado em: 05/02/2021

Publicado em: 25/07/2021